

Competência Crítica em Informação para o enfrentamento de Barbáries Informacionais como a Desinformação

Critical Information Competence to confront Informational barbarities such as Disinformation

Elizabeth Maria Freire de JESUS

Instituto Tércio Pacitti de Aplicações e Pesquisas Computacionais
Universidade Federal do Rio de Janeiro

beth@nce.ufrj.br

Abstract. *This paper aims to address critical information literacy, understood as a promising theoretical and practical field for promoting critical awareness and powerful actions to inhibit and combat informational barbarities, such as disinformation. Based on a literature review, in order to broaden and deepen the understanding of disinformation, it presents various forms of information that deceive and victimize individuals, groups, public debate and democracies. It presents the context of the emergence of critical information competence and its epistemological bases. For the purpose of exemplifying informational barbarisms, some examples of disinformation involving scientific information are presented.*

Keywords: *Critical Information Literacy. Information Literacy. Disinformation. Fake News.*

Resumo. Este trabalho tem como objetivo abordar a competência crítica em informação entendida como sendo um campo teórico e prático promissor para a promoção de consciência crítica e de ações potentes para inibição e o combate de barbáries informacionais, como é o caso da desinformação. A partir de revisão de literatura, a fim de ampliar e aprofundar o entendimento sobre desinformação, apresenta diversos modos de informação que enganam e vitimam indivíduos, grupos, o debate público e as democracias. Apresenta o contexto de emergência da competência crítica em informação e suas bases epistemológicas. Para fins de exemplificação de barbáries informacionais, são apresentados alguns exemplos de desinformação envolvendo informação científica.

Palavras-chave: Competência Crítica em Informação. Competência em Informação. Desinformação. Notícias Falsas.

Recebido: 16/08/2025 Aceito: 20/10/2025 Publicado: 20/10/2025

DOI:10.51919/revista_sh.v1i0.499

1. Introdução

Em meio a demanda por ampla disponibilização e compartilhamento de informações confiáveis e oportunas sobre a COVID-19, estas entendidas como sendo primordiais para o avanço nas pesquisas e para subsidiar ações de enfrentamento da doença embasadas em evidências científicas, a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2000, utilizou a noção de infodemia para fazer referência ao volume, velocidade e variedade de informações relacionadas ao tema que estavam sendo produzidas em uma escala e capilaridade surpreendentes.

No bojo dessa superabundância informacional, além de informações precisas e confiáveis como as que são produzidas pela ciência e pelo jornalismo profissional, também foi possível constatar uma avalanche de informações fabricadas, falsas, imprecisas ou incorretas deliberadamente disseminadas, em grande parte, com a intenção de confundir ou enganar públicos amplos, assim como públicos específicos, estando na ponta, os indivíduos. Tal cenário configurou um quadro de “desordem informacional”, que se colocou como mais uma dimensão de preocupações em torno de um gravíssimo problema de saúde pública que afetou e ainda afeta indivíduos e as sociedades em suas bases social, econômica, política, emocional etc.

O quadro de “desordem informacional” contemporâneo possibilitado e amplificado pelas tecnologias digitais de informação e comunicação, pela internet e por infraestruturas tecnológicas, constitui e é constituído por uma miríade de transgressões nas formas de produzir, acessar, usar e compartilhar a informação, não estando restrito ao domínio da saúde e tampouco restrito à informação científica. No cenário da desinformação, uma das estratégias que tem causado tantos prejuízos a indivíduos, coletividades, instituições democráticas e à confiança pública na ciência é a produção, disseminação e uso de *fake news* (notícias falsas). Nesse sentido, podemos colocar o fenômeno da desinformação como reais e potenciais barbáries informacionais dos tempos atuais.

A passagem do furacão Milton cruzando o estado da Flórida, nos Estados Unidos, entre 9 e 10 de outubro de 2024, ilustra de forma contundente como eventos extremos podem ser cercados por desinformação, negacionismo científico e teorias conspiratórias — manifestações evidentes das barbáries informacionais contemporâneas. Juntamente com o grande volume de informação qualificada e confiável emitida por agências especializadas, por autoridades e pelo jornalismo profissional, a população local e global se deparou com um dilúvio de informações falsas, incluindo imagens fictícias retiradas de filmes cinematográficos, e também com ações

nitidamente características de negacionismo científico, como por exemplo, a manutenção da ordem do governador republicano da Flórida para evitar usar expressões como “*climate change*” (mudança climática) e “*global warming*” (aquecimento global) em documentos e relatórios oficiais (Em Pauta, 2024).

Este trabalho tem como objetivo abordar a noção de competência crítica em informação, entendida como sendo um campo teórico e prático promissor para a promoção de consciência crítica e de ações potentes para inibição e o combate de barbáries informacionais, como é o caso da desinformação. Para fins de exemplificação de barbáries informacionais, serão apresentados alguns exemplos no domínio da ciência e da informação científica.

2. Explorando uma taxonomia de ações desinformacionais

A rigor, desinformação não é uma novidade ou um fenômeno da contemporaneidade. Práticas informacionais para dissimular, oferecer engodo, ludibriar, ativar raiva, confundir e enganar encontram-se em tratados de guerra gregos e chineses milenares (Sun Tzu, 2006) e em doutrinas militares mais recentes (Brito; Pinheiro, 2015), como também em propagandas enganosas de governos, empresas etc.

Os avanços das infraestruturas e das tecnologias digitais, bem como a intensificação do uso das redes sociais digitais vêm (re)configurando os nossos modos de estar, de ser, fazer e interferir no mundo contemporâneo. Nesse cenário, uma multiplicidade de artefatos sociotécnicos e tecnopolíticos – a despeito de assimetrias e limitações de naturezas diversas – potencializam as possibilidades de produção, consumo e disseminação de informações por parte de indivíduos, coletividades, instituições e agentes artificiais.

Por outro lado, o expressivo aumento de “recursos informacionais que reforçam vieses, ignorância, preconceitos e estupidez” (Froehlich, 2017) têm sido sistematicamente explorados em uma economia da atenção que mobiliza, incentiva e monetiza a informação que mais vende, que mais gera cliques e que mais dá lucro, frequentemente com escasso – ou inexistente – compromisso ou preocupação com a qualidade, a veracidade, os propósitos e os possíveis efeitos ou danos decorrentes de sua disseminação.

A lógica subjacente à economia da atenção fundamenta-se na premissa de que “a abundância de informações cria uma falta de atenção e uma necessidade de alocar essa atenção” (Ryan et al., 2020). Nesse contexto, a captação e a retenção da atenção tornaram-se objetos de intensa disputa e mercantilização por diferentes atores sociais, como autoridades políticas, figuras públicas, meios de comunicação tradicionais, usuários de redes sociais, especialistas e, sobretudo, grandes corporações responsáveis pelas plataformas digitais. Em uma economia da atenção, a atenção humana é tratada como uma mercadoria escassa, sendo, cada vez mais, indiscriminadamente, explorada. De acordo com Ryan e colaboradores (2020, p.9), “se você pode

criar dúvidas, pode gerar receita em uma economia da atenção, prendendo a atenção de um usuário e, em seguida, vendendo essa atenção a outros”.

A abundância de recursos informacionais produzidos e consumidos na internet e nas redes sociais digitais, em grande medida com propósitos diversos e nem sempre explícitos, tem dado origem a uma variedade de modos de informação que produzem ou facilitam a produção e a manutenção de ignorância ou de um estado de ignorância (Froehlich, 2017).

Na literatura especializada em língua inglesa, distinguem-se dois termos comumente utilizados para tratar desinformação, cuja principal diferença reside na intencionalidade de enganar outro(em) – *misinformation* e *disinformation*. O primeiro termo, *misinformation*, refere-se ao modo de informação em que se oferece informações incorretas ou imprecisas decorrentes de um erro honesto, negligência ou por vieses inconsciente, que podem enganar as pessoas ainda que não se tenha essa intenção. A intenção deliberada de enganar é o que caracteriza o modo de informação *disinformation* e o que o diferencia de *misinformation* (Froehlich, 2017; Fallis, 2014). *Disinformation* trata-se de um modo de informação produzido e disseminado com o propósito consciente e deliberado de manipular, induzir ao erro ou distorcer a percepção de realidade.

Na taxonomia de desinformação apresentada por Froehlich (2017), encontramos outras modalidades ou estratégias para enganar, incluindo, *missing information* e *self-deception*.

Missing information seria o modo de informação em que, por negligência, incompetência ou desejo de enganar, informações que deveriam ser conhecidas ou deveriam estar presentes para a compreensão dos fatos e tomadas de decisão do indivíduo ou grupo não são incluídas ou ofertadas. Prática com efeito similar é apontada por Brito e Pinheiro (2015), ao referirem-se às dificuldades colocadas para o acesso do destinatário a fontes de informação alternativas àquela que está sendo empregada.

"O autoengano pode manifestar-se de forma motivada ou imotivada. No caso do autoengano motivado, a crença na veracidade de determinada afirmação decorre de intuições ou percepções subjetivas de um indivíduo — ou de um grupo — desconsiderando deliberadamente exame intelectual, análise crítica ou dados factuais.

O autoengano imotivado, por sua vez, se verifica quando as pessoas tendem a direcionar sua atenção para as informações que confirmam as suas crenças, visões de mundo e opiniões e a deixar de lado aquelas que desejam não serem verdadeiras, mesmo que essa atitude não lhes seja favorável, contribuindo assim para formar uma narrativa falsa, pautada em uma visão distorcida dos fatos. Tais processos favorecem a formação de “bolhas” ou “câmaras de eco” (Pariser, 2012), nas quais os usuários permanecem isolados, com acesso restrito a novas ideias, temas e informações relevantes — especialmente no campo político — “expondo quase exclusivamente a visões unilaterais dentro do espectro político mais amplo” (Santaella, 2019).

Como estratégias de autoengano, von Hippel e Trivers (2011) pontuam diferentes vieses de processamento de informações que envolvem a coleta seletiva de informação, atenção seletiva, interpretação seletiva e memória seletiva.

O universo da desinformação, portanto, é constituído por um amplo e variado conjunto de informação, incluindo informação audiovisual, imagética, textual etc., e de variados modos de informação. Informações quase sempre falsas ou entremeadas com elementos verdadeiros ou verossímeis em sua composição, elementos aparentemente racionais, supostamente fundamentados em evidências aparentemente reais (Schneider, 2022, p. 76).

Privilegiando a acepção ontológica do filósofo da informação Luciano Floridi, para quem informação é algo que possui semântica, que possui conteúdo representacional (Floridi, 2005), Don Fallis (2015) considera desinformação como informação não acidentalmente enganosa, ou seja, um tipo de informação que provavelmente criará falsas crenças. Com foco na qualidade da informação, Fallis (2009) enfatiza dois problemas distintos – a imprecisão da informação e informação enganosa – que, quando combinados podem ter consequências negativas, direta ou indiretamente. Ou seja, a desinformação “sempre coloca as pessoas em risco de sofrer danos (epistêmicos e outros)” (Fallis, 2015, p.406).

No universo da desinformação, as *fakes news* compreendem estratégias perniciosas que enganam e vitimam indivíduos e o debate público no mundo todo como um vírus. Para atrair um mínimo de confiança de uns e outros, e para circular na esfera pública, se apresentam como enunciados produzidos por uma redação profissional, mas não são isso. Têm sempre o propósito de lesar os direitos do público, levando cidadãos e cidadãs a adotar decisões contrárias àquelas que tomariam se conhecesse a verdade dos fatos. Estratégias que dependem da existência das tecnologias digitais e da internet, onde o *big data*, o emprego de inteligência artificial e a modulação algorítmica estão na base da sua produção e disseminação em grande escala (Bucci, 2019).

As *fake news* geram lucros políticos e econômicos, sobretudo para grandes e poderosas empresas de tecnologia. No entanto, as ações de enfrentamento — por meio da educação, regulamentação e outras medidas — ainda estão distantes de alcançar um nível em que as responsabilidades estejam claramente definidas pelo debate público, amplamente aceitas e efetivamente incorporadas e operacionalizadas por indivíduos, empresas e organizações, sejam elas públicas ou privadas.

3. Algumas barbáries informacionais no domínio da ciência

A desinformação no domínio da ciência também não é um fenômeno novo. A historiadora Milena Wazek (2013) relata que, na década de 1920, no campo da física, pseudoautoridades epistêmicas – por ela denominada como “cientistas leigos”, ou seja, pessoas com algum tipo ou grau de treinamento científico – afirmaram, com convicção, ter refutado a teoria da relatividade. Essa

alegação foi amplamente disseminada por meio da publicação de centenas de panfletos, sustentando um intenso e prolongado debate público mesmo após a teoria ter sido amplamente aceita por autoridades epistêmicas legítimas, isto é, por “especialistas com influência reconhecida, de alguma maneira, oficial ou institucional, para falar dentro do campo ou domínio do conhecimento” (Rieh, 2010, p. 1340), no caso, da Física.

Durante décadas, a indústria do tabaco empregou estratégias massivas de desinformação que, a despeito das evidências científicas sobre os impactos do cigarro na saúde, continuam produzindo efeitos até hoje. O número de fumantes permanece sendo uma das maiores ameaças à saúde pública, conforme alerta a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2019). As estratégias engendradas deliberadamente pela indústria do tabaco para gerar a dúvida e fomentar a controvérsia visando neutralizar os movimentos antitabagistas, levou Robert Proctor (2008) a cunhar o neologismo *agnotologia* para denotar o estudo da produção de ignorância.

Outro exemplo de desinformação envolvendo informação científica foi a associação entre a vacina tríplice viral – contra o sarampo, caxumba e rubéola – e o desenvolvimento de autismo, sugerida em um artigo científico publicado em 1998 em uma respeitada revista da área médica. O estudo, que teve grande repercussão para além da comunidade científica, foi retratado doze anos depois após a sua publicação (Fiocruz, 2015) em razão da refutação dos resultados de pesquisa comunicados, como também pela constatação de práticas que comprometiam a ética e integridade da pesquisa.

Além dos efeitos deletérios, como a colocação da vida de milhares de crianças em risco que deixarem de tomar a vacina e o comprometimento do avanço da ciência, uma vez que diversos outros estudos utilizaram o artigo como referência –, o estudo, ainda nos tempos atuais, é recorrentemente acionado por redes de desinformação sustentadas por movimentos antivacina e anticiência.

4. Competência crítica em informação

São muitas as traduções para o termo *literacy* presente na expressão composta *information literacy*, como literacia, alfabetização, letramento e competência. Dentre elas, “competência” é a que tem sido mais utilizada na literatura recente sobre o tema, no contexto brasileiro.

O termo *information literacy* surgiu na década de 1970, nos Estados Unidos, tendo como pano de fundo o intenso desenvolvimento científico e tecnológico ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial e no pós-guerra, acompanhado da preocupação do governo norte-americano em relação ao desenvolvimento de competência informacional da população como o objetivo, sobretudo, de incentivar a utilização de uma variedade de produtos informacionais disponibilizados no mercado (Campello, 2003).

Nesse cenário, a definição de *information literacy* passou a referir-se ao conhecimento técnico e habilidades necessárias para o indivíduo utilizar ferramentas de informação e fontes de

informação de forma eficaz, seja para solucionar problemas de forma eficaz ou para atender a necessidades informacionais específicas. Esse entendimento, em grande medida, se mantém nos tempos atuais.

No final da década de 1990, o acelerado avanço das tecnologias de informação e comunicação, aliado à crescente popularização da internet, intensificou a produção, o uso e o fluxo de informações locais e transfronteiriças. Esse cenário alçou a competência informacional ao status de uma necessidade básica de sobrevivência dos indivíduos em uma sociedade da informação, cujo modelo de desenvolvimento passa a ter como base, complexas redes de produção, tratamento, controle e uso estratégico de recursos informacionais. Após intensas mobilizações de vários atores, como governo, associações de bibliotecários e bibliotecas norte-americanos, a noção de competência em informação foi definida como

Uma habilidade de sobrevivência na Era da Informação. Em vez de se afogar na abundância de informação que inunda suas vidas, pessoas competentes em informação sabem como encontrar, avaliar e utilizar as informações de forma eficaz para resolver um determinado problema ou tomar uma decisão – não importa se a informação selecionada venha de um computador, um livro, uma agência governamental, um filme, ou qualquer outra fonte possível. (ACRL, 1989, s/p)

O movimento pela competência crítica em informação (CCI) emerge na primeira década do século XXI como crítica ao ensino e à prática da competência em informação pautados em uma abordagem tecnicista e instrumental, centradas no desenvolvimento de habilidades individuais de busca, avaliação e uso da informação. A CCI propõe uma perspectiva mais ampla e reflexiva, que considera os contextos sociais, políticos e culturais nos quais a informação é produzida e utilizada.

Além da crítica ao caráter tecnicista e instrumental com vistas ao treinamento para a sobrevivência dos sujeitos na era da informação (Campello, 2003), o movimento pela CCI traz em seu bojo a crítica em relação à desconsideração das realidades materiais da produção e uso da informação, que, entre outros efeitos, inibe a construção de uma consciência crítica e reflexiva sobre as estruturas de poder subjacentes à produção e à disseminação de informação (Tewell, 2015, p.25), minando as potencialidades individuais e coletivas de questionar e de analisar de forma crítica e reflexiva os ambientes informacionais em que estão inseridos.

Em meio a essas críticas, a CCI emerge tendo como raízes epistemológicas a Pedagogia Crítica de Paulo Freire e a Teoria Crítica, advinda dos estudos críticos e culturais da Escola de Frankfurt.

Para a Pedagogia Crítica de Paulo Freire, “o ato de conhecer envolve um movimento dialético que vai da ação à reflexão sobre ela e desta a uma nova ação” (Freire, 2022, p. 80). Para Paulo Freire, para além de estar no mundo, homens e mulheres acrescentam à vida que têm a existência que criam. Nesse sentido, o autor coloca que “existir é um modo de vida que é próprio ao ser capaz de transformar, de produzir, de decidir, de criar, de recriar, de comunicar-se” (Freire, 2022, p.108).

Enquanto o ser que simplesmente vive não é capaz de refletir sobre si mesmo e saber-se vivendo em um mundo, o sujeito existente reflete sobre a sua própria vida, no domínio da existência, e se pergunta em torno de suas relações com o mundo. Onde o domínio da existência é o domínio do trabalho, da cultura, da história, dos valores – domínio em que os seres humanos experimentam a dialética entre determinação e liberdade. (Freire, 2022, p.108)

A Teoria Crítica, “aponta para a produção de conhecimento que tem em si o compromisso de modificar a realidade a partir da exposição das contradições e tensões existentes no campo social” (Melo; Alves; Brasileiro, 2022, p. 97). Nessa perspectiva, a informação deve ser compreendida em seus vínculos com as dimensões social, cultural, política, econômica, estética e ética. Trata-se de um recurso fundamental aos sujeitos que, ao agir no mundo, interferem em suas realidades e transformam a si mesmos em um processo contínuo de construção e emancipação.

“Ancorada na práxis, que consiste na prática informada pela teoria e vice-versa, num círculo virtuoso de retroalimentação” (Borges, 2022, p.71), a CCI reafirma a importância de o indivíduo ter conhecimentos e habilidades práticas para lidar com diferentes dispositivos informacionais. No entanto, para além desse conjunto de conhecimentos e habilidades, a CCI requer e depende do exercício constante de problematização e reflexão crítica acerca das próprias ações informacionais, de como estas e o próprio indivíduo são moldados e afetados pelas informações que recebem, produzem e usam no seu dia-a-dia.

Como um movimento em movimento, atento e associado com as transformações históricas e materiais das sociedades e aos desafios impostos pelas realidades concretas, a competência crítica em informação é entendida como sendo

[...]o referencial de uma práxis voltada para a ampliação da liberdade e da autonomia dos indivíduos no atual ecossistema informacional, condições consideradas fundamentais para o exercício da cidadania em tempos de desinformação, mediação algorítmica, vigilância digital e toda a sorte de ataques à privacidade. (Bezerra, 2020, p.185)

Na perspectiva do desenvolvimento da CCI, em que a informação é considerada no escopo da ação humana e no âmbito de contextos socioculturais concretos, o entendimento e a reflexão crítica sobre os elementos constitutivos e subjacentes às ações de informação são absolutamente necessários e centrais. Ações de informação são aquelas que mediante atos seletivos e decisórios de um ator social individual ou coletivo, em cada contexto, estipula algo como informação (González de Gomez, 1999).

A seletividade e a capacidade de decisão sobre quando a informação é, de fato, relevante — conforme propõe González de Gómez (1999) —, são elementos centrais na Competência Crítica em Informação (CCI), especialmente em sua formulação em sete níveis proposta por Schneider (2019; 2022). Essa abordagem pressupõe que a relação entre o ator social e a informação seja permeada por questionamentos e reflexões em cada um dos níveis da CCI/7, a saber:"

“a suspensão da cotidianidade, foco de toda a atenção em um determinado problema ou conjunto de problemas” (nível 1); certo domínio instrumental, ou seja, “conhecimento dos recursos informacionais existentes e domínio técnico das tecnologias de informação” (nível 2); “questionamento sobre as suas próprias necessidades informacionais (nível 3); “questionamento sobre a relevância dos enunciados, bem como dos mecanismos e critérios sociotécnicos de atribuição de relevância aos enunciados, aos dados e metadados” (nível 4); “questionamento sobre a credibilidade da fonte” (nível 5). O nível 6 da CCI/7 “problematiza o uso ético da informação, pensando a ética como reflexão crítica, com ou sem propósitos normativos, sobre os valores morais e deontológicos, e suas imbricações com relações de poder”. O nível 7, “discorre sobre a própria perspectiva crítica, conectando todos os outros seis” (Schneider, 2019; 2022).

As ações de informação e a constituição de um diferencial pragmático de geração e uso de informação, e a atribuição de um valor informacional requer em uma perspectiva da CCI, envolve reflexão, crítica e ação que são mais do que necessárias em tempos de desinformação, pós-verdade, *fake news*, negacionismos entre outras barbáries informacionais.

5. Considerações

Em tempos em que se acredita que a Terra é plana, que o aquecimento global é invenção e que não se deve vacinar bebês – ou mesmo adultos –, a noção de verdade e as instituições tradicionalmente reconhecidas como autoridades epistêmicas, como a ciência, a mídia tradicional e as elites intelectuais, vêm sendo recorrentemente colocadas à prova. Esse cenário acende um sinal de alerta – certamente vermelho – para as barbáries informacionais, como a desinformação, pós-verdade, as *fake news*, os negacionismos e os discursos de ódio, cujos escopo, abrangência e efeitos alcançaram proporções sem precedentes na história da humanidade.

Diante da realidade do nosso tempo, marcada pela produção massiva, veloz e diversificada de informações na internet, enfrentamos inúmeros desafios em nossas ações informacionais – mediadas, em grande parte, pelas tecnologias digitais de informação e comunicação, em que infraestrutura e superestrutura são predominantemente controladas ou influenciadas por poderosas corporações de tecnologia, torna-se premente buscar pontos de fuga, não para fugir, mas como estratégia de enfrentamento ao sistema hegemônico vigente.

Dentre os vários interesses subjacentes, explícitos ou velados, do sistema hegemônico vigente, destaca-se a produção – ou a facilitação da produção – de ignorância ou de estados de ignorância, os quais geram lucros diversos, sejam financeiros, políticos ou simbólicos.

A competência Crítica em Informação, alicerçada em fundamentos teórico-metodológicos e epistemológicos, se apresenta como um campo potente e rico de estudos e práticas voltados para a informação e os fenômenos informacionais e comunicacionais, orientado por uma postura crítica, epistemológica, ética e política.

O diagnóstico, a construção da conscientização crítica e a promoção da autonomia e emancipação dos sujeitos constituem elementos fundamentais e entrelaçados da Competência Crítica em Informação, sendo absolutamente necessários para a compreensão – e resistência – às mazelas provocadas pelas barbáries informacionais nas quais, em grande medida, todos nós já experienciamos em algum momento.

Referências

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES (ACRL). **Presidential Committee on Information Literacy**: Final Report. Chicago: ACRL, 1989.

Bezerra, Arthur Coelho. Da teoria matemática para uma proposta de teoria crítica da informação: a integração dos conceitos de regime de informação e competência crítica em informação.

Perspectivas em Ciência da Informação, v.25, n. 3, p. 182-201, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pci/a/nC4jjgPCTzBXyQCNPmbksQ/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10 out. 2024

Brito, Vladimir de Paula; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. Poder informacional e desinformação. In: **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v.8, n.2, jul./dez. 2015. Disponível em:

<http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/viewFile/2677/1126>

Acesso em: 10 out. 2024

Borges, Ana Lúcia Alexandre. Emancipação na era do trabalho mediado por algoritmos em plataformas digitais. In: BEZERRA, A.; SCHNEIDER, M. **Competência crítica em informação: teoria, consciência e práxis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2022. Disponível em:

<http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1200> Acesso em: 10 out. 2024

Bucci, Eugênio. News não são fake – e *fake news* não são news. In: BARBOSA, Mariana (Org.).

Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativa. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

Campello, Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ci.Inf**, Brasília, v. 32, n. 3, p.28-37, set./dez.2003. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ci/a/9nQgbdkg5nXsNBLfv5MBHNM/abstract/?lang=pt> Acesso em: 03

out. 2024

EM PAUTA. **Edição de 09/10/24**. Disponível em: <https://Globoplay.globo.com/v/13000680> Acesso em: 09 out. 2024

Fallis, Don. **A Conceptual Analysis of Disinformation**. Ideals. Disponível em:

<https://www.ideals.illinois.edu/items/15210> Acesso em: 09 out. 2024

Fallis, Don. What Is Disinformation? **Library Trends**, v. 63, p. 401–426, 2015. Disponível em: <https://api.semanticscholar.org/CorpusID:13178809> Acesso em: 10 out. 2024

Fallis, Don. The Varieties of Disinformation. In: FLORIDI, L., ILLARI, P. (Eds.) **The Philosophy of Information Quality. Synthese Library**, v. 358, p. 135–161, 2014. Springer, Cham. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-319-07121-3_8 Acesso em: 10 out. 2024

FIOCRUZ. **Estudo aponta que não há ligação entre vacina tríplice viral e autismo**, 2015. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/en/noticias/981-estudo-aponta-que-nao-ha-ligacao-entre-vacina-triplice-viral-e-autismo-materia> Acesso em: 10 out. 2024

Floridi, Luciano. Is Semantic Information Meaningful Data? **Philosophy and Phenomenological Research**, v. 70, n. 2, pp. 351–370, 2005. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40040796> Acesso em: 10 Out. 2024

Freire, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

Froehlich, Thomas J. A not-so-brief account of current information ethics: the ethics of ignorance, missing information, misinformation, disinformation and other forms of deception or incompetence. **Textos universitaris de biblioteconomia i documentació**, n. 39, dec 2017. Documento eletrônico. Disponível em: <http://bid.ub.edu/en/39/froehlich.htm> Acesso em 19 out. 2024

Froehlich, Thomas J. The role of pseudo-cognitive authorities and self-deception in the dissemination of *fake news*. **Open Information Science**, v.3, p. 115–136, 2019. Disponível em: The role of pseudo-cognitive authorities and self-deception in the dissemination of *fake news* (degruyter.com) Acesso em: 09 out. 2024

González De Gómez, Maria Nélida. O caráter seletivo das ações de informação. **Informare**, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 7-31, 1999. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/41753> Acesso em: 10 out. 2024

Melo, Daniella A.; Alves, Edvaldo C.; Brasileiro, Felipe S. A competência crítica em informação e o enfrentamento às desigualdades de gênero. In: BEZERRA, A.; SCHNEIDER, M. **Competência crítica em informação: teoria, consciência e práxis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2022. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1200> Acesso em: 10 out. 2024

OPAS. **Tabaco**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/tabaco> Acesso em: 10 out. 2024

Origgi, Gloria. Trust, authority and epistemic responsibility. **Theoria**, v. 23, n.61, p.35-44, 2008. Disponível em: <https://philsci-archive.pitt.edu/10403/1/4%2D620%2D1%2DPB.pdf> Acesso em: 10 out. 2024

Pariser, Eli. **O filtro invisível**: o que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

Proctor, Robert N.; Schiebinger, Londa (ed.). **Agnotology**: the making and unmaking of ignorance. California, Stanford: University Press Stanford, 2008.

Rieh, Soo Young. **Credibility and Cognitive Authority of Information**. Encyclopedia of Library and Information Sciences, Third Edition, p. 1337-1344, 2010. Disponível em: <https://deepblue.lib.umich.edu/handle/2027.42/106416> Acesso em 09 out. 2024

Santaella, Lucia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cor, 2019.

Schneider, Marco. CCI/7: Competência crítica em informação (em 7 níveis) como dispositivo de combate à pós-verdade. In: BEZERRA, A., SCHNEIDER, M., PIMENTA, R.; SALDANHA, G.S. **iKritika**: estudos críticos em informação. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

Schneider, Marco. **A era da desinformação: pós-verdade, fake news e outras armadilhas**. Rio de Janeiro: Garamond, 2022. Disponível em: <https://www.garamond.com.br/a-era-da-desinformacao-e-book/p> Acesso em: 10 out.2024

Sun-Tzu. **A arte da Guerra**. 3. ed. São Paulo: Conrad Editora, 2010.

Tewell, Eamon. A Decade of Critical Information Literacy: A Review of the Literature. **Communications in Information Literacy**, v. 9, n.1, p.24-43, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.15760/comminfolit.2015.9.1.174> Acesso em: 10 out. 2024

von Hippel, William, Trivers, Robert. The evolution and psychology of self-deception. **Behavioral and Brain Sciences**, v. 34, n.1, p.1-16, 2011. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21288379/> Acesso em: 10 out. 2024

Wazeck, Milena. Marginalization processes in science: The controversy about the theory of relativity in the 1920s. **Social Studies of Science**, v.43, n.2, p. 163-190, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0306312712469855> Acesso em: 10 out. 2024